



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS E AMBIENTAIS
DEPARTAMENTO DE AGROECOLOGIA E AGROPECUÁRIA

ANDREIA VASCONCELLOS

**LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA COM FINALIDADES
MEDICINAIS E ALIMENTARES EM PLANTIO DE LEGUMINOSAS NO
ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, PB**

LAGOA SECA – PB
2016

ANDREIA VASCONCELLOS

**LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA COM FINALIDADES
MEDICINAIS E ALIMENTARES EM PLANTIO DE LEGUMINOSAS NO
ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, PB**

Trabalho de conclusão da Especialização em Agroecologia, apresentado ao Departamento de Agroecologia e Agropecuária da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título Especialista em Agroecologia.

Orientador: Prof. DSc. Leandro de Oliveira Andrade

ANDREIA VASCONCELLOS

**LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA COM FINALIDADES
MEDICINAIS E ALIMENTARES EM PLANTIO DE LEGUMINOSAS NO
ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, PB**

Trabalho de conclusão da Especialização em Agroecologia, apresentado ao Departamento de Agroecologia e Agropecuária da Universidade Estadual da Paraíba, como um dos requisitos para obtenção do título Especialista em Agroecologia.

Orientador: Prof. DSc. Leandro de Oliveira Andrade

Aprovada em ____ de _____ de _____

–

BANCA EXAMINADORA

Prof. DSc. Leandro Oliveira de Andrade (DSc. Engenharia Agrícola – UEPB)

**Profa. DSc Beatriz Stamato (Doutorado em Innovación Curricular y Práctica
Sócioeducativa - Universidad de Córdoba – Espanha)**

**MSc Eduardo Rodrigues Araújo (MSc Agroecologia e Desenvolvimento Rural –
UFSCAR)**

LAGOA SECA – PB
2016

V3311 Vasconcellos, Andreia

Levantamento da vegetação espontânea com finalidades
medicinais e alimentares em plantio de leguminosas no
assentamento Nossa Senhora de Fátima - PB [manuscrito] /
Andreia Vasconcellos. - 2016.

23 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Agroecologia) - Universidade
Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Agrárias e Ambientais,
2016.

"Orientação: Prof. Dr. Leandro de Oliveira Andrade,
Departamento de Agroecologia e Agropecuária".

1. Agroecologia. 2. Ruderais. 3. Sustentabilidade. 4.
PANC's. I. Título.

21. ed. CDD 632.58

SUMÁRIO

1. Introdução	06
2. Revisão Bibliográfica	08
2.1. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra	08
2.2. Vegetação Espontânea	09
2.3. Plantas Alimentícias não convencionais	12
3. Metodologia	13
4. Resultados e Discussão	14
5. Considerações Finais	19
6. Bibliografia	21

LEVANTAMENTO DA VEGETAÇÃO ESPONTÂNEA COM FINALIDADES MEDICINAIS E ALIMENTARES EM PLANTIO DE LEGUMINOSAS NO ASSENTAMENTO NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, PB

Andreia Vasconcellos

Bacharela em Agroecologia, Campus II da UEPB. Lagoa Seca – PB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia). E-mail: dreagroeco@gmail.com

Leandro Oliveira de Andrade

Prof. DSc. do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Campus II da UEPB. CEP: 58117-000. Lagoa Seca-PB. E-mail: leandro.agroecologia@gmail.com

RESUMO

As plantas espontâneas, também consideradas como daninhas ou invasoras, são plantas geralmente de porte herbáceo e que predominam em solos férteis com grande quantidade de matéria orgânica. Atualmente têm-se observado o aumento na procura de plantas medicinais devido a vários fatores, como a crise econômica, o alto custo dos medicamentos industrializados. Várias plantas chamadas daninhas, pragas, invasoras ou ruderais são espécies com importância econômica e ecológica. Muitas dessas espécies são potencialmente alimentícias. Este trabalho tem como objetivo, realizar um levantamento florístico das plantas espontâneas de importância medicinais e alimentares em área de plantio de leguminosas com finalidades a produção de sementes em área de Assentamento. O levantamento foi realizado em uma área do PA Nossa Senhora de Fátima, no período de Agosto a Setembro/2014, *in locu*. A vegetação espontânea foi registrada por meio de fotografias digitais, e a pesquisa para classificação e reconhecimento dos exemplares foi feito com o auxílio de bibliografia especializada e pesquisa a redes sociais sobre o assunto. As plantas espontâneas medicinais podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas de estímulo à pesquisa em cursos de áreas agrárias, como fonte para novas pesquisas. A conscientização do agricultor muda a visão de prejuízo para lucratividade, trazendo com isso ganhos financeiros e alimentares, aumentando seu lucro e seu cardápio alimentar.

Palavras-chave: Agroecologia; Ruderais; Sustentabilidade; Rural; PANC's

SURVEY OF VEGETATION SPONTANEOUS WITH MEDICAL PURPOSES AND FOOD LEGUMES IN PLANTING IN FIXING OUR LADY OF FATIMA, PB

Andreia Vasconcellos

Bacharela em Agroecologia, Campus II da UEPB. Lagoa Seca – PB. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia). E-mail: dreagroeco@gmail.com

Leandro de Oliveira Andrade

Prof. Dr. do Departamento de Ciências Agrárias e Ambientais, Campus II da UEPB. CEP: 58117-000. Lagoa Seca-PB. E-mail: leandro.agroecologia@gmail.com

ABSTRACT

The weeds also considered as weeds or invasive, plants are usually herbaceous and that predominate in fertile soil with plenty of organic matter. Currently it has been observed the increase in demand for medicinal plants due to various factors such as the economic crisis, the high cost of manufactured drugs. Several calls weed plants, pests, weeds or ruderal are species with economic and ecological importance. Many of these species are potentially food. This paper aims, conduct a floristic survey of wild plants of medicinal and dietary importance of legumes acreage for purposes seed production in nesting area. The survey was conducted in an area of PA Our Lady of Fatima, in the period from August to September / 2014 in locus. The spontaneous vegetation was recorded by means of digital photos, and the search for classification and identification of specimens was made with the specialized bibliography and research aid to social networks on the subject. Medicinal wild plants can be used as teaching tools to stimulate research in agricultural areas courses as a source for further research. The farmer's awareness changes the loss of sight to profitability, bringing with it financial and food gains, increasing their income and their food menu.

Keywords: Agroecology; ruderal; Sustainability; Rural; PANC's

1. INTRODUÇÃO

O trabalho foi construído tendo como base as ações de extensão e pesquisa, pela parceria entre o grupo de pesquisa do LATES (Laboratório de Tecnologia de Sementes) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) no Centro de Ciências Humanas Sociais e Agrárias (CCHSA), Campus III, com a Comissão Pastoral da Terra (CPT) no município de Guarabira e Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), no Centro de Ciências Humanas Sociais e Ambientais (CCHSA), no campus II e tendo como base a demanda de alguns agricultores presentes na reunião.

O trabalho foi desenvolvido através do acompanhamento dos Fóruns dos Agricultores Familiares realizados pela CPT, na cidade de Guarabira. O Fórum é uma ação da CPT junto aos presidentes das Associações de Agricultores Familiares Assentados da Reforma Agrária, que fazem parte dos 21 municípios assistidos pela Pastoral. Esse Fórum ocorre mensalmente, todas as primeiras quintas de cada mês, sendo um espaço de discussões e demandas das lideranças locais dos Projetos de Assentamentos (PA) da região.

O grupo percebeu a necessidade de colaborar com a melhoria e propôs um manejo nas áreas de plantio dos produtos de consumo, pois o solo estava bastante degradado. Assim, surgiu como proposta da parceria uma ação nessa temática de melhoramento das áreas, buscando alternativas para minimizar os impactos deixados pelo antigo dono da fazenda. E no segundo momento foi feito um levantamento florístico que foi realizado na mesma área dentro Projeto de Assentamento (PA) Nossa Senhora de Fátima, que é atendido pela CPT.

O trabalho de levantamento florístico, aconteceu com a participação de alguns moradores do Assentamento. Momento bastante rico no que diz respeito à troca de experiências e saberes. Este levantamento foi executado na área que havia um experimento montado, experimento este com leguminosas em diferentes espaçamentos, que tinha por finalidade a produção de sementes.

O uso de plantas alimentares não convencionais (PANC's) é um assunto pouco debatido cientificamente. Por isso, a necessidade de gerar discussões a cerca do assunto que são de grandiosa importância, ocorrendo simultaneamente também uma maior oferta de alimentos na mesa do (a) agricultor/a.

O levantamento da flora fitossociológica buscou identificar indivíduos (vegetação) que se prestassem ao tratamento de enfermidades diversas, como também para gerar uma alternativa de ampliar o leque na disponibilidade e oferta de alimentos, já que alguns desses vegetais servem para serem aproveitados na alimentação humana, por se tratarem de fontes ricas de nutrientes e vitaminas. Sendo assim, o enfoque deste trabalho se deu visando

a busca por vegetações espontâneas que se prestassem ao tratamento alternativo de doenças e na busca por espécimes a serem incorporadas na alimentação alternativa para as pessoas.

A construção deste material se torna de grande valia, pois gera uma valorização de algumas espécies vegetais que antes eram vistas com certo desdém e lembradas apenas como perda de energia por práticas de manutenção das áreas de plantio. Com as conversas e a sensibilização em relação ao tema, ocorre a construção de outra visão pelo grupo e conseqüentemente a possível inserção destes vegetais na mesa dos agricultores/as ou a geração de renda, advinda de produtos feitos com essa vegetação, a exemplo, pomadas, tinturas e até alimentos.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. O Movimento dos Trabalhadores Sem Terra

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, também conhecido como Movimento dos Sem Terra ou MST, é fruto de uma questão agrária que é estrutural e histórica no Brasil. Nasceu da articulação das lutas pela terra, que foram retomadas a partir do final da década de 70, especialmente na região Centro-Sul do país e, aos poucos, expandiu-se pelo Brasil inteiro. O MST teve sua gestação no período de 1979 a 1984, e foi criado formalmente no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra, que se realizou de 21 a 24 de janeiro de 1984, em Cascavel, no estado do Paraná. Hoje o MST está organizado em 22 estados, e segue com os mesmos objetivos definidos neste Encontro de 84 e ratificados no I Congresso Nacional realizado em Curitiba, em 1985, também no Paraná; lutar pela terra, pela Reforma Agrária e pela construção de uma sociedade mais justa, sem exploração nem exploradores (CALDART, 1999).

Como afirmam Belledeli e Medeiros (2005), a criação do Assentamento na medida em que encerra um ciclo, o da luta pela terra, inicia outro, o da luta pela permanência na terra. Nesse novo ciclo segundo Moreira (2010), travam-se disputas diversas que vão desde a forma de organização da infraestrutura, da produção e da comercialização, da divisão dos lotes à construção de agrovilas ou de moradias nos lotes, entre outras.

O assentamento da reforma agrária seria uma fração do “território esperança”, o qual simboliza uma ruptura com a forma de organização social, econômica e política pré-existente. Uma forma de resistência à dominação do capital no campo. Ele surge de dentro do território capitalista rompendo com a sua lógica clássica, mas, simultaneamente, como um resultado do próprio caráter assumido pelo desenvolvimento contraditório e combinado do capital. Não se trata, pois, de um território fruto de uma ruptura promovida por um processo revolucionário, mas pode ser constituir numa possibilidade transformadora. Por isto ele só pode ser entendido como parte integrante de um processo. Daí o Território Esperança se constituir num território em movimento, vivo que experimenta um processo contínuo de (re)criação,

(re)definição, (re)delimitação, território inacabado, por conseguinte, sujeito a contradições, avanços, retrocessos, ganhos e perdas (MOREIRA, 2011).

Nos 16 anos completados na entrada de 2000, o MST contabiliza um número de aproximadamente 250 mil famílias assentada e de 70 mil famílias acampadas em todo o Brasil. Quantidades pequenas diante da realidade das mais de 4,5 milhões de famílias sem-terra existentes no país, mais significativas, dado o formato histórico da questão agrária entre nós e a dignidade humana construída mediante tais números. O MST já registra em sua história áreas conquistadas do latifúndio que se tornaram lugares de vida e de trabalho para muitas famílias, e de produção de alimentos para mais outras tantas; hoje são 81 cooperativas de trabalhadores e trabalhadoras Sem Terra, 45 unidades agroindustriais e, o principal, a eliminação da fome e a redução drástica dos índices de mortalidade infantil nos assentamentos espalhados pelo Brasil inteiro (CALDART, 2001).

Os sem terra do MST estão sendo sujeitos de um movimento que acaba pondo em questão o modo de ser da sociedade capitalista atual e a cultura reproduzida e consolidada por ela. Fazem isto não porque professem ideias revolucionárias, nem porque este seja o conteúdo de cada uma de suas ações tomadas em si mesmas. Contestam a ordem social pelo conjunto (contraditório) do que fazem nas ocupações, nos acampamentos, nos assentamentos, nas marchas, na educação de suas crianças, jovens e adultos; pelo jeito de ser de sua coletividade, que projeta valores que não são os mesmos cultivados pelo formato da sociedade atual; fazem isto, sobretudo, pelo processo de humanização que representam, e pelos novos sujeitos que põem em cena na história do país (CALDART, 2001).

2.2. Vegetação espontânea

As plantas espontâneas, também consideradas como daninhas ou invasoras, são plantas geralmente de porte herbáceo e que predominam em solos férteis com grande quantidade de matéria orgânica, e por esta razão, são consideradas indesejáveis pelo fato de competirem por água e nutrientes do solo com plantas que possuem importância agrícola e até mesmo paisagística. Tais plantas podem causar sérios danos a plantações quando não controladas, e com isso acarretam muitos prejuízos tanto no que diz respeito ao

desenvolvimento da planta como também no consumo de água e adubos. Elas também são largamente encontradas em jardins, calçadas, às margens de rios, córregos, estradas e terrenos baldios.

No entanto, no contexto da Agroecologia e da Fitoterapia tais plantas podem ser utilizadas para fixação de nitrogênio (FEIDEN, 2001), no combate a erosão do solo e no tratamento de vários tipos de enfermidades.

Harlan (1955) afirma que se uma planta espontânea – adaptada ao ambiente de cultivo – tem alguma importância, como sementes, raízes, folhas e talos comestíveis, ou ainda produz algum óleo ou composto medicinal, esta logo será empregada na agricultura, como no caso de ervilhas, mostarda, aveia e centeio.

Atualmente têm-se observado o aumento na procura de plantas medicinais devido a vários fatores, como a crise econômica, o alto custo dos medicamentos industrializados e o ainda difícil acesso à assistência médica e farmacêutica (CARRARA, 1994).

O Brasil comporta uma flora medicinal muito diversificada e esse é um dos fatores que lhe tem conferido destaque no cenário mundial, pois possui 30% das florestas tropicais do mundo, e calcula-se que existem 80 mil espécies vegetais só na Amazônia, onde apenas 4% foram estudadas pelos cientistas (FRANCO & FONTANA, 2005).

No manejo convencional do solo existe uma preocupação muito grande em eliminar as plantas espontâneas quando estas crescem juntamente com as culturas agrícolas, pois interferem no seu desenvolvimento podendo reduzir significativamente a produção quando não controladas. Além de nutrientes, água e luz, essas plantas também competem por CO₂ e exercem inibição química sobre o desenvolvimento das plantas cultivadas, podendo ainda ser hospedeiras de pragas e doenças (LORENZI, 2000). No manejo agroecológico do solo, o fato dessas plantas serem espontâneas entre as culturas, não significa que sejam nocivas às últimas, podendo apresentar muitos aspectos positivos desde que manejadas corretamente, viabilizando de forma significativa o desenvolvimento dessas culturas (FEIDEN, 2001).

Experimentos de campo mostram que a presença de plantas espontâneas em agroecossistemas pode diminuir significativamente as populações de algumas pragas, representando desta forma, uma maior oferta

de recursos alternativos de pólen, néctar, presas alternativas, entre outros (ALTIERI *et al.* 2003).

Segundo dados da Organização Mundial de Saúde, 80% da população dos países em desenvolvimento utilizam-se da medicina popular na atenção primária à saúde. Essas populações dependem, em grande parte, dos chamados profissionais tradicionais para a cura de seus problemas de saúde, seja pelas dificuldades impostas ao acesso à biomedicina, especialmente à alopática, seja por questões de entendimento sobre a realidade social e aspectos culturais deste tipo de população.

A adoção de práticas que contribuem para a proteção do solo poderá melhorar ou manter a qualidade física do solo e reduzir o encrostamento superficial e a ocorrência de processos erosivos. A vegetação espontânea manejada sob capinas manuais e por herbicidas de pós-emergência mostrou-se importante para a manutenção da matéria orgânica, densidade do solo e o volume total de poros, durante o período de 18 anos (ALCÂNTARA; FERREIRA, 2000), além disso, influenciam as condições de fertilidade do solo, principalmente, na camada superficial do solo (0–0,15m) de forma positiva ou negativa, dependendo do método adotado no controle dessas plantas (ALCÂNTARA; NÓBREGA; FERREIRA, 2009).

As atividades humanas evoluíram a tal ponto que mudaram para sempre nossa visão da Terra e do papel que desempenham nela os diversos povos que a habitam. O desafio educacional do momento é aprender a ver o ambiente e a sociedade como um sistema único (ODUM 1987).

2.3. Plantas Alimentícias não convencionais – PANC's

Várias plantas chamadas daninhas, pragas, invasoras ou ruderais são espécies com importância econômica e ecológica. Muitas dessas espécies são potencialmente alimentícias, sendo suas raízes, caules, folhas, flores, frutos ou sementes utilizadas para este fim (Kinupp, 2004; Rapoport, 1998; Azurdia, 1984).

O termo PANC's, Plantas Alimentícias Não Convencionais, foi utilizado por Kinupp (2007), mesmo que antes já se falasse sobre essas plantas, chamando-as de hortaliças comestíveis ou não-convencionais, ervas ou

plantas daninhas comestíveis. A grande maioria não é conhecida pelo público consumidor.

Muito é dito nas instituições de pesquisa, na mídia em geral, nas agendas políticas e mesmo nas conversas corriqueiras sobre a megabiodiversidade brasileira, no entanto, pouco é feito com objetivos práticos de valoração e uso real desta riqueza biológica. No que diz respeito à diversidade florística (fitodiversidade) com potencial alimentício, por exemplo, muito pouco é conhecido, pesquisado e compõe a matriz agrícola nacional ou mesmo regional. Quais são as espécies de frutas e hortaliças nativas produzidas em larga escala? Quais passaram por pesquisas, a longo prazo, de melhoramentos e seleções genéticas? Existem programas governamentais efetivos que incentivem ou, ao menos, não criem empecilhos para o cultivo e manejo de espécies alimentares nativas? Quantas disciplinas acadêmicas existem nas instituições nacionais de ensino técnico ou superior voltadas ao estudo e divulgação de espécies alimentícias silvestres? Estas são apenas algumas questões inquietantes referentes à forma mais básica de uso, a alimentação (KINUPP, 2007).

A maioria das plantas chamadas "daninhas" ou "inços" (o correto e adequado é plantas/ervas espontâneas), pois medram entre as plantas cultivadas são espécies com grande importância ecológica e econômica. Muitas destas espécies, por exemplo, são alimentícias mesmo que atualmente em desuso (ou quase) pela maior parte da população. O mesmo é válido para plantas silvestres, as quais são genericamente chamadas de "mato" ou planta do mato, no entanto, são recursos genéticos com grande potencial de uso imediato ou futuro a partir de programas de melhoramento, seleção e manejos adequados (KINUPP, 2008).

A conservação da diversidade de espécies vegetais alimentícias é uma peça chave para o abastecimento de alimentos, especialmente para populações mais pobres e com menos terra (PRESCOTT e ALLEN 1990).

Além de proporcionar uma base mais ampla (e, portanto mais sólida e segura) de alimentação, muitas dessas plantas alimentícias não convencionais possuem teores de proteínas, vitaminas e outros nutrientes em quantidades muito mais elevadas que as plantas que costumamos servir em nossas mesas (Kinupp, 2008). Assim, por exemplo, a espécie *Pereskia aculeata* (Mill),

conhecida como ora-pro-nobis ou carne-de-pobre, possui entre 17 e 25 gramas de proteína em cada 100 gramas de peso seco, e 1,153 gramas de lisina em cada 100 gramas de peso seco, o que significa 23 vezes mais do que na alface comum (SOUZA, 2009).

Além de apostar numa transição para uma agricultura ecológica, as PANC's podem constituir um elemento importante para a solução desses problemas levantados, já que não precisam de um cultivo exaustivo, nem do emprego de agrotóxicos prejudiciais à saúde humana e ao meio ambiente, visto que espécies ruderais estão perfeitamente adaptadas ao meio onde ocorrem (Kinupp, 2004).

Todos os povos tiveram, na gênese de sua existência, grandes privações e duras necessidades. As necessidades de alimento, de vestimenta, de abrigo das intempéries e a da cura de seus males, sempre foram as mais importantes (RODRIGUES, 1905). Em relação aos alimentos, a humanidade vem sofrendo com crises de fome recorrentes, em escala local (endêmica) e, mais raramente, de fome generalizada (pandêmica), como as crises que afetaram a Europa durante muitos séculos (RAPORT & LADIO, 1999).

Este trabalho tem como objetivo, realizar um levantamento florístico das plantas espontâneas de importância medicinais e alimentares em área de plantio de leguminosas com finalidades a produção de sementes em área de Assentamento.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado no Projeto de Assentamento (PA) Nossa Senhora de Fátima localizado no Município de Bananeiras, PB.

O levantamento foi realizado em uma área do PA Nossa Senhora de Fátima, no período de Agosto a Setembro/2014, *in locu*. A vegetação espontânea foi registrada por meio de fotografias digitais, e a pesquisa para classificação e reconhecimento dos exemplares foi feito com o auxílio de bibliografia especializada e pesquisa a redes sociais sobre o assunto.

As observações da vegetação foram planejadas sistematicamente, de forma que toda a área fosse feito o levantamento, observando os padrões para tal prática.

O reconhecimento foi realizado através de caminhadas na área, andando em linha cuidadosamente, respeitando a vegetação e instalações presentes no local, avaliando-os um de cada vez. Executou-se um caminhamento lento, observando os espécimes e seus vários estágios em campo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento florístico preliminar, encontrou-se 19 espécies de plantas espontâneas distribuídas em 10 famílias conforme mostra a (Tabela 1).

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME COMUM
Amaranthaceae <i>Alternanthera tenella</i> Colla <i>Amaranthus hybridus</i> var. <i>patulus</i> (Betol)Tell	Apaga-fogo Bredo
Asteraceae <i>Acanthospermum hispidum</i> DC. <i>Acanthospermum australe</i> Loefl. Kuntze <i>Bidens pilosa</i> L. <i>Galinsoga parviflora</i> Cav. <i>Emilia sonchifolia</i> L. DC. <i>Sonchus oleraceus</i> L.	Espinho-de-cigano Carrapicho de carneiro Carrapicho-de-agulha Picão-branco Serralha Serralha
Boraginaceae <i>Heliotropium indicum</i> L.	Fedegoso
Caesalpineaceae <i>Senna obtusifolia</i> L. Irvin & Barneby	Mata-pasto
Euphorbiaceae <i>Phyllanthus niruri</i> L. <i>Ricinus communis</i> L.	Quebra-pedra Mamona
Fabaceae <i>Desmodium tortuosum</i> (SW) DC.	Carrapicho beijo de boi
Mimosaceae <i>Mimosa pudica</i> L.	Malícia
Molluginaceae <i>Mollugo verticillata</i> L.	Capim tapete
Poaceae <i>Cenchrus echinatus</i> L. <i>Digitalia ciliaris</i> (Retz) Koel. <i>Eleusine inidica</i> L.	Capim carrapicho Campim-milhã Capim-pé-de-galinha
Solanaceae <i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba

Tabela 1: Plantas espontâneas encontradas em área do PA Nossa Senhora de Fátima – PB

Fonte: LORENZI, H. M., Plantas Medicinais do Brasil, Plantas alimentares não convencionais (PANC) no Brasil e Plantas daninhas do Brasil

As famílias *Asteraceae*, *Poaceae*, *Euphorbiaceae* e *Amaranthaceae* foram as que apresentaram maior representatividade totalizando 13 espécies, representado 68,42% das plantas encontradas. As demais famílias, *Boraginaceae*, *Caesalpineaceae*, *Mimosaceae*, *Fabaceae*, *Molluginaceae*, *Solanaceae*, totalizaram 06 espécies, representando 31,58%, como se pode observar na Figura 1.

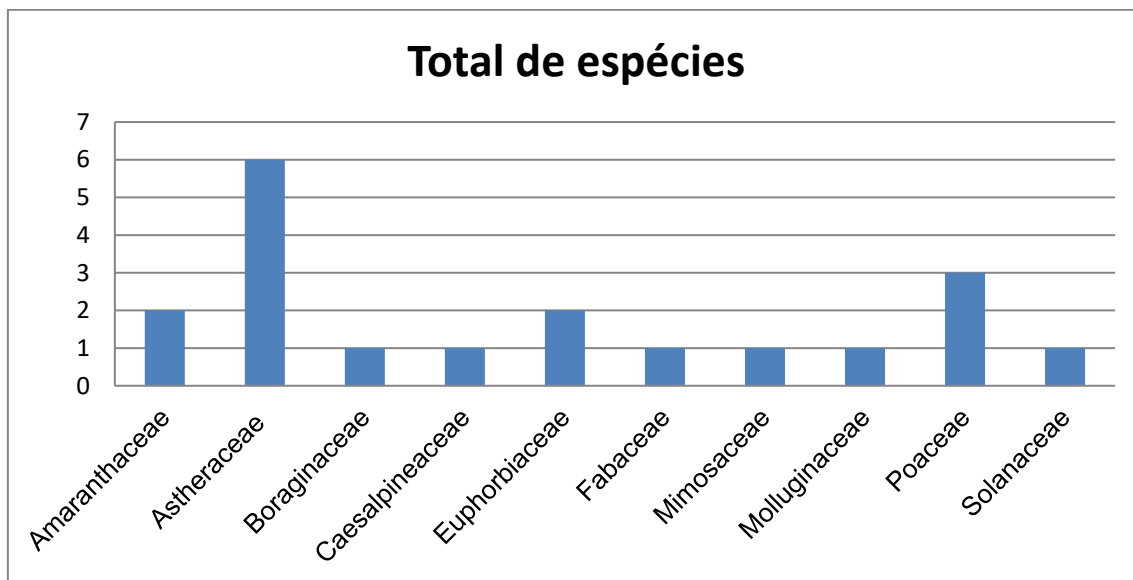


Figura 1. Número total de espécies de plantas espontâneas, organizadas por família, identificadas em levantamento florístico na área do PA Nossa Senhora de Fátima - PB

No levantamento florístico preliminar, encontrou-se 13 espécies de plantas espontâneas com características medicinais, distribuídas em 6 famílias conforme mostra a (Tabela 2).

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	APLICAÇÕES
Amaranthaceae <i>Alternanthera tenella</i> Colla	Diurética, digestiva, depurativa, fígado e bexiga
<i>Amaranthus hybridus var. patulus</i> (Betol)Tell	Eczemas, diuréticas, aumenta a lactação
Asteraceae <i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Diarreia, malária, aromática, anemia, tosse, febre, bronquite
<i>Acanthospermum australe</i> Loefl. Kuntze	Uso externo: dores lombares, renais, úlceras, micoses, Farmácia: inibe tumores cancerosos
<i>Bidens pilosa</i> L.	Angina, diabetes, disenteria, aftosa, hepatite, laringite, bactericida,

	antiinflamatória, antibiótica
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Digestiva, contusão, feridas, doenças broncopulmonares
<i>Emilia sonchifolia</i> L. DC.	Febrífuga, antiasmática, oftálmica, resfriados, dores do corpo, faringite, amigdalite, vias urinárias, eczemas, chagas
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Diurética, anemia, problemas hepáticos e biliares, dores reumáticas, cicatrizantes, eczemas, feridas, escaras
Boraginaceae <i>Heliotropium indicum</i> L.	Diurética e peitoral, problemas de pele, úlceras, feridas, picadas de insetos, bochechos, gargarejos, aftas, estomatite, ulcerações da garganta e faringe
Euphorbiaceae <i>Phyllanthus niruri</i> L.	Rins, relaxamento dos ureteres, analgésico, reumatismo gotoso, hepatite B
<i>Ricinus communis</i> L.	Emenagoga, reumatismos, vermífugo, furúnculos, abscessos, inflamação do ouvido
Mimosaceae <i>Mimosa pudica</i> L.	Raízes irritantes, purgativas e eméticas, difteria, reumatismo, fígado, escrófula
Solanaceae <i>Solanum paniculatum</i> L.	Planta da Farmacopéia Brasileira (anemia e problemas hepáticos) Problemas digestivos, reduz inchaço no fígado e vesícula, gastrite, tumores uterinos, ressacas (chá), cicatrizantes de feridas

Tabela 2: Plantas espontâneas com finalidades medicinais, encontradas em área do PA Nossa Senhora de Fátima – PB

Fonte: LORENZI, H. M., Plantas Medicinais do Brasil e Plantas alimentares não convencionais (PANC) no Brasil

A família *Asteraceae* é considerada cosmopolita e possui cerca de 920 gêneros e 19 000 espécies (VIDAL e VIDAL, 2004). Pode ser encontrada nos

mais diversos habitats e em diferentes regiões climáticas (tropicais, subtropicais e temperadas) devido ao seu extraordinário poder de adaptação ambiental (CANCELLI *et al.*, 2006).

A família *Poaceae*, possui em torno de 700 gêneros e 8 000 espalhadas por todo o mundo (VIDAL e VIDAL, 2004). É uma das maiores famílias de angiospermas e de grande importância econômica uma vez que algumas espécies dessa família são utilizadas na alimentação humana, alimentação animal, na indústria de bebidas, na indústria farmacêutica e no artesanato (JOLY, 1976).

A família *Euphorbiaceae* compreende muitas plantas úteis ao homem, dentre elas, a mamona (*Ricinus communis* L.) (JOLY, 1976), cujas folhas são utilizadas externamente como fitoterápico em vários países e as sementes na fabricação de óleos lubrificantes para a indústria aérea e automotiva (LORENZI e MATOS, 2002). De acordo com Vidal e Vidal (2004), a família *Euphorbiaceae* possui aproximadamente 290 gêneros e 7500 espécies distribuídas principalmente nos trópicos e nas regiões de clima temperado nos hemisférios Norte e Sul, sendo a África e a América tropical, os dois maiores centros de dispersão.

A família *Solanaceae*, compreende aproximadamente 500 gêneros e 7000 espécies distribuídas por todo o mundo nas regiões frígidas, temperadas e tropicais de grande importância econômica compreendendo algumas hortaliças, plantas medicinais e plantas ornamentais, consideradas tóxicas (JOLY, 1976).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) define plantas medicinais como espécies vegetais que possuem em um de seus órgãos, ou em toda a planta, substâncias que se administradas ao ser humano ou a animais, por qualquer via e sob qualquer forma, exercem algum tipo de ação farmacológica. Segundo PITMAN (1996), as origens da fitoterapia, ou seja, do uso de plantas medicinais, datam dos primórdios da vida humana, já que os seres humanos sempre usaram plantas, tanto na alimentação quanto com fins medicinais. LAPLANTINE e RABEYRON (1989) complementam que o uso de plantas medicinais sempre fez parte da terapêutica popular em todas as sociedades humanas (ALMASSY JUNIOR, 2004).

No levantamento florístico preliminar, encontrou-se 09 espécies de plantas espontâneas com características alimentícias, distribuídas em 05 famílias conforme mostra a (Tabela 3).

FAMÍLIA/ ESPÉCIE	NOME COMUM
Amaranthaceae <i>Alternanthera tenella</i> Colla	Alimentação de aves, substituição de antibióticos
<i>Amaranthus viridis</i> L.	Folhas comestíveis, grãos nutritivos
Asteraceae <i>Bidens pilosa</i> L.	Brotos e folhas refogadas, cozidas ou desidratadas
<i>Galinsoga parviflora</i> Cav.	Consumida como salada, tendo o sabor picante
<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Utilizada em saladas e refogados
<i>Sonchus oleraceus</i> L.	Suas folhas são utilizadas em saladas em substituição à alface
Euphorbiaceae <i>Ricinus communis</i> L.	Seu óleo é vermífugo
Molluginaceae <i>Mollugo verticillata</i> L.	Folhas e ramos jovens cozidos são utilizados como hortaliças, sopas e saladas cozidas, como também bolinho frito
Solanaceae <i>Solanum paniculatum</i> L.	Seus frutos são consumidos na forma de picles e como aditivo de aguardente

Tabela 3: Plantas espontâneas com finalidades alimentares, encontradas em área do PA Nossa Senhora de Fátima – PB

Fonte: LORENZI, H. M., Plantas Medicinais do Brasil e Plantas alimentares não convencionais (PANC) no Brasil

É a designação comum a certas plantas do gênero *Amaranthus*, da família das Amarantáceas, algumas de folhas comestíveis, bastante utilizadas em culinária. São úteis para a produção de grãos nutritivos e folhagens e plantas ornamentais coloridas (Brenner *et al.*, 2000). Observações: Extremo

cuidado com os carurus bravos, em que as folhas são venenosas quando verdes e consumidas cruas. Só as folhas novas, com dupla fervura, tornam-se comestíveis. A raiz é fortemente purgativa, mas não deve ser utilizada caseiramente, pois em dose alta é tóxica.

Os únicos estudos relacionados ao uso de *Alternanthera brasiliana* como alternativa ao uso de antibióticos em dietas para aves foram conduzidos por BIAVATTI et al., 2003. Os resultados demonstraram que a planta tem potencial para substituir os antibióticos nas rações, mantendo o desempenho das aves, porém, mecanismos de ação que elucidem os benefícios ainda não estão estabelecidos.

O mercado de alimentos orgânicos, no ano de 2000 apresentou a cifra de 20 milhões de dólares americanos, segundo Marchese (2004), com um crescimento anual de 20%. Dentro dele, a alternativa que as PANC's oferecem para os agricultores como fonte de renda é interessante e muito viável (Kinupp, 2006). Portanto seu uso e comércio não dependem de um conhecimento ou desconhecimento de suas propriedades e potenciais, senão de um apego a uma cultura e hábitos, que não são sempre fáceis de se transformar. Existe o fato de que parece ser uma vergonha colher e comer essas plantas (Kinupp, 2006). Aqueles que detêm o poder econômico preferem comprar seus alimentos nos supermercados.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

- As plantas espontâneas medicinais podem ser utilizadas como ferramentas pedagógicas de estímulo à pesquisa em cursos de áreas agrárias, como fonte para novas pesquisas.
- A conscientização do agricultor muda a visão de prejuízo para lucratividade, trazendo com isso ganhos financeiros e alimentares, aumentando seu lucro e seu cardápio alimentar.
- Mostra-se a importância do conhecimento tradicional para a pesquisa de novos fármacos, estimulando os ganhos extras para o produtor familiar, auxiliando no controle e no combate de várias doenças.

- A pesquisa mostra resultados de plantas tidas como mato e trabalho, que demonstram seu potencial medicinal e alimentício, trazendo com isso uma possibilidade de renda e também segurança alimentar.

6. BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, E.N.; FERREIRA, M.M.; Efeito de diferentes métodos de controle de plantas daninhas sobre a produção de cafeeiros instalados em Latossolo roxo distrófico. Ciênc. Agrotecnologia, v.24, p.54-61, jan./mar., 2000.

ALCÂNTARA, E.N.; FERREIRA, M.M. Efeito de métodos de controle de plantas daninhas na produção de café durante 30 anos. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DOS CAFÉS DO BRASIL, 6., Vitória, 2009. Anais... Vitória:Embrapa Café, 2009. (CD-ROM)

ALMASSY JUNIOR, A. A. Análise das características etnobotânicas e etnofarmacológicas de plantas medicinais na comunidade de Lavras Novas, ouro Preto/MG. Tese de doutorado. Viçosa/MG. UFV. 2004. xiv. 132f. il 29cm. .
ALTIERI, M.A.; E.N. SILVA & C.I. NICHOLLS. 2003. O papel da biodiversidade no manejo de pragas. Ribeirão Preto, Editora Holos, 226p.

AZURDIA, C. "La otra cara de las malezas" Tikalia(Revista Facultad de Agronomía Universidad de San carlos de Guatemala), 3(2): 5-23, Guatemala, 1984.

BELEDELLI, Senira; MEDEIROS, Rosa Maria Vieira de. Assentamento, sua cultura, identidade e organização . Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina . São Paulo, 20 a 26 de março de 2005.

BIAVATTI, M. W. et. al Preliminary studies on *Compomanesia xanthocarpa* (Berg.) and *Cuphea carthagenensis* (jacq) J. F. Macber. Extract: weight control and biochemical parameters. Journal of Ethnopharmacology. Lausanne v. 56p. 77-80. 2003.

BEVILAQUA, Gilberto A. Peripolli, et. al., Agricultores guardiões de sementes e desenvolvimento in situ de cultivares crioulas. Infobibos – Informações Tecnológicas. 2003.

BRENNER, F.W. et al. Salmonella nomenclature. J Clin Microbiol. 38: 2465-2467, 2000

CALDART, R. S. O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como principio educativo. Estudos Avançados. São Paulo, 2001.

CALDART, R. S. Escola é mais do que escola na pedagogia do movimento sem terra. São Paulo, Fundação Abramo, 1999.

CANCELLI, R.R.; SCHNEIDER, A.A.; BAUERMANN, S.G. Morfologia polínica do gênero *pluchea* cass. (asteraceae), no Rio Grande do Sul, Brasil. Revista Brasileira de Paleontologia, v.9, n.1, p.149-156, 2006.

CARRARA, D. 1994. As plantas medicinais como alternativa. *Jornal Inter Bairros*, Rio de Janeiro, 03 de fevereiro, 4 p.

FRANCO, I. J. ; FONTANA, V. L. Ervas & plantas: a medicina dos simples. 10ª Edição. Erechim: Editora Livraria Vida Ltda., 2005.

FEIDEN, A. Conceitos e Princípios para o Manejo Ecológico do Solo. *Seropédica: EMBRAPA Agrobiologia*, dez 2001. 21 (Documentos, 140 ISSN 1517 – 8498).

HARLAN, J. R. Crops, weeds and revolution. *The scientific monthly*. Vol. 80, n. 5:299-303, 1955.

JOLY, A.B. Botânica: introdução à taxonomia vegetal. 3.ed. São Paulo, Editora Nacional, 1976.

KINUPP, V.F. 2007. Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. Porto Alegre, 2007. 562 p. Tese - (Doutorado em Fitotecnia). Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/12870>>. Acesso em 28 ago. 2014.

KINUPP, V.F. & Barros, I.B.I. de. Teores de proteína e minerais de espécies nativas, potenciais hortaliças e frutas. *Ciência e Tecnologia de Alimentos*, v.28, n.4, p. 846-857, 2008.

KINUPP, V. "*Plantas alimentícias no Brasil, uma fonte complementar de alimento e renda*" *Rev.Bras. de Agroecologia*, Vol 1, Nº 1:333-336, 2006.

KINUPP, V. & BARROS, I. "*Levantamento de dados e divulgação do potencial das plantas alimentícias alternativas do Brasil*". *Horticultura Brasileira* 22(2). 2004, 4p.

LAPLATINE, F. & RABEYRON P. L. *Medicinas Paralelas*. São Paulo, SP: Editora Brasiliense. 1989. 120p.

LORENZI, H. *Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas*. 3. ed. Nova Odessa, SP: Instituto Plantarum, 2000.

LORENZI, H.; MATOS, F.J.A. *Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas*. Nova Odessa – SP, Instituto Plantarum, 2002.

MARCHESE, J.A. *et al* "*Perfil dos consumidores de plantas medicinais e condimentares do município de Pato Branco (PR)*" *Horticultura Brasileira*., v. 22, n. 2, abr.-jun. p 332-336, 2004.

MOREIRA, E; TARGINO, I. Espaço, Capital e Trabalho No Campo Paraibano. *Revista da ANPEGE*, v. 7, n. 1, número especial, p. 147-160, out. 2011

MOREIRA, Emília; TARGINO, Ivan; IENO NETO, Genaro. Organização interna dos assentamentos rurais na Paraíba: caminhos e armadilhas das formas associativas. Revista NERA. Ano 3, n. 3 p. 45 – 57, 2010.

ODUM, E.P. Ecologia. Tradução: Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

PITMAN, V. Fitoterapia. As plantas medicinais e a saúde. Lisboa: Estampa, 1996. 188p.

PONTES, C. A. et al. Mobilização de reservas em sementes de *Apuleia leiocarpa* (Vogel) J.F. Macbr. (garapa) durante a embebição. Revista Árvore, v.26, n.5, p.593-601, 2002.

PRESCOTT-ALLEN, R. PRESCOTT-ALLEN, C. How marry plants food the world? Conservation Biology. Gainesville, v. 4, p. 365-374, 1990.

RAPOPORT, E.H., SANZ, E.H & LADIO, A.H. "*Plantas Silvestres comestibles de la Patagonia Argentino-Chilena. Exóticas/ Parte II.*" Programa de Extensión Universitaria, Departamento de Ecología, Centro Regional Universitario Bariloche, Universidad Nacional del Comahue. 77p, 1999.

RODRIGUES, J. B. A Botânica: nomenclatura indígena e seringueiras. Edição familiar das obras Mbaé Kaá – Tapyiyetá Enoyndava e as Heveas. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1905, 86p.

SISTI, C.P.J.; SANTOS, H.P.; KOHHANN, R.; ALVES, B.J.R.; URQUIAGA, S. & BODDEY, R.M. Change in carbon and nitrogen stocks in soil under 13 years of conventional or zero tillage in Southern Brazil. Soil Till. Res., 76:39-58, 2004.

SOUZA, L. A. G. de. Leguminosas para adubação verde na terra firme e na várzea da Amazônia Central: um estudo em pequenas propriedades rurais em Manacapuru / Luiz Augusto Gomes de Souza. --- Manaus: Editora INPA, 2012.

SOUZA PRADELLA, L.G.. "*Estre os seus e os outros*". Dissertação de mestrado: PPGAS/UFRGS, 2009.

VIDAL, W.N.; VIDAL, M.R.R. Taxonomia vegetal. Viçosa: UFV, 2004.